

42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT 13 - GÊNERO, TRABALHO E FAMÍLIA

## **A Paternidade na Conciliação Trabalho-Família**

Angela Kalckmann Romanó Sartor

## Introdução

Este artigo traz parte dos resultados da pesquisa “Paternidades: pais em transformação”. Visando contribuir com o debate sobre as persistentes assimetrias de gênero, enfoca a paternidade como uma possível “porta de entrada” dos homens no trabalho doméstico e de cuidado, favorecendo uma conciliação trabalho-família mais equitativa entre os casais.

O projeto da referida pesquisa teve como objetivo inicial entender o processo de construção, por que passaram os homens/pais presentes e participantes, para alcançar o que a mídia e alguns pesquisadores (NOLASCO, 1993; FREITAS et al., 2009) denominam de o “novo homem”, o “novo pai”.

Busquei então ouvir o discurso de homens/pais que tentavam romper com padrões estereotipados de comportamento e estavam num período de mudança, de alteração de sua maneira de estar no mundo e compartilhar a vida, tentando compreender melhor o processo pelo qual passavam. Quem seriam esses “novos homens”, “novos pais”? Como isso se concretizava em sua vida cotidiana? O que os levava a representar esse papel e como percebiam a sua vivência no mundo atual?

No decorrer da pesquisa, percebi que deveria abandonar a ideia do “novo homem/novo pai” como um modelo único, que rompe com os estereótipos e passa a ter comportamentos e valores diferenciados, vinculados a postulados feministas e igualitários. Os resultados apontavam para mudanças importantes, mas diversificadas em forma, motivo e intensidade. Ao procurar os “novos pais”, encontrei muitas maneiras diferentes de ser “novo”. Encontrei também uma abordagem diferente de análise, que vai além da quantificação e comparação no trabalho de cuidado, pois procura compreender as dinâmicas familiares – como se organizam para conciliar a vida profissional e familiar (MODAK; PALAZZO, 2002; WALL; ABOIM; MARINHO, 2010; MARINHO, 2011).

Percebi ainda que, além da socialização e experiências pessoais, as situações de vida cotidiana interferem no exercício da paternidade. O indivíduo e a família atuam de maneira criativa: adaptam-se aos obstáculos e oportunidades do dia a dia, encontram alternativas, buscam apoio externo e enfrentam constrangimentos. É importante enfatizar que os conflitos e adversidades estão presentes e que as formas de os enfrentar são também variadas.

Parti de uma perspectiva de gênero, de divisão sexual do trabalho e análise das desigualdades, contextualizando o cenário atual, e caminhei para uma perspectiva que procurou olhar as interações cotidianas, a diversidade dos modos de ser pai através das parcerias parentais.

Outro ponto a esclarecer é que, em vários momentos, a análise da divisão do trabalho de cuidado está vinculada também às tarefas domésticas. Entende-se o cuidado na perspectiva da sustentabilidade da vida humana, conceito desenvolvido por Carrasco (2003), ou seja,

um conjunto de tarefas que tendem a dar apoio não só às pessoas dependentes por motivos de idade ou saúde, mas também à grande maioria dos homens adultos. São tarefas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. Elas incluem a alimentação, o afeto e, por vezes, aspectos pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para o bem-estar das pessoas. Implicam atividades complexas de gestão e organização, necessárias para o funcionamento diário do lar (CARRASCO, 2003, p. 17).

Por constituírem atividades que abrangem desde aspectos emocionais até alimentação e higiene, pressupõe-se que tarefas como limpar a casa e lavar roupas, cozinhar e lavar louça estejam também incluídas e misturadas.

### Metodologia e Perfil dos entrevistados

Visando melhor entender as experiências em si, as percepções, as razões e os significados de experimentar atitudes ainda pouco usuais, que são novas e em transformação, escolhi a pesquisa de campo qualitativa, através de entrevistas que aprofundassem as questões relacionadas à participação, ou seja, à divisão com tendência equitativa do trabalho de cuidado dos filhos menores.

Optou-se por entrevistar homens em relações heterossexuais estáveis que aparentassem ter o que Castells (1999) chama de “responsabilidade compartilhada” no cuidado dos filhos menores. Essa perspectiva implicou também numa investigação da vivência em família nuclear biparental, com filhos em idade pré-escolar, admitindo-se que, nessa fase de vida, as crianças precisam de mais presença e exigem mais trabalho, já que possuem pouca ou nenhuma autonomia.

Elegeu-se a escola como fonte de indicação dos pais a serem entrevistados. Entendia que, de alguma forma, seja por observação, dedução a partir dos diálogos do dia a dia ou por comentários das crianças, as escolas teriam condições de fazer as indicações.

Foram entrevistados 28 pais com filhos em escolas públicas e privadas. As características comuns que ligavam todos os participantes da pesquisa é que moravam com a esposa no município de Curitiba, tinham ao menos um filho com até seis anos de idade e buscavam ou levavam o filho para a escola, disponibilizando um tempo do seu cotidiano para essa atividade.

Comparando as escolas particulares e públicas, nota-se que a idade média dos pais das escolas públicas é bem inferior, ficando em torno dos 30 anos, enquanto que a das particulares estava próxima dos 40 anos. É interessante ressaltar que há uma defasagem média de 10 anos entre os 2 grupos, com os pais das escolas particulares prorrogando o início de sua vivência conjugal com filhos. O que se constatou como coincidente, para as escolas públicas e privadas, foi a média do número de filhos, próxima de 2, e o fato de os homens afirmarem ter maior flexibilidade, isto é, não terem horário rígido de trabalho remunerado.

A opção de estudar a paternidade através dos homens vivendo a conjugalidade de duplo emprego e duplo cuidar mostrou-se reveladora, pois permitiu perceber o entrelaçamento dos arranjos e interações cotidianas dos casais, com as transformações na maneira de ser pai. É importante constatar também que essas transformações estão em andamento e que se desenvolvem de forma e intensidade diversa, ou seja, são complexas e plurais, e assim podemos dizer que estamos diante de paternidadeS em transformação. Não podemos esquecer que só participaram da pesquisa homens/pais que de alguma forma demonstraram serem participativos no trabalho doméstico e de cuidado.

### Transformações da paternidade na família nuclear biparental intergeracional

No início da pesquisa, pressupunha que as transformações na paternidade tinham como impulsionador a socialização, mais especificamente as vivências da infância no núcleo familiar, para um comportamento paterno mais envolvido emocional e praticamente no trabalho de cuidado e na divisão sexual do trabalho em

geral – tanto que uma das hipóteses do projeto de pesquisa era de que uma experiência anterior, sobretudo na infância, em que a divisão sexual do trabalho doméstico e de cuidado já fazia parte das relações sociais cotidianas, seria o principal ponto comum entre os pais participativos.

Essa hipótese foi sendo abandonada no decorrer da pesquisa. Foi ficando cada vez mais claro conforme os pais iam comentando suas experiências na infância. O que foi constatado demonstrou uma diversidade de situações e posicionamentos em relação ao modelo de paternidade de seus próprios pais.

No sentido de melhor esclarecer e sintetizar essas informações, foi criado o Quadro 1, organizado conforme a análise dos discursos dos entrevistados e não por perguntas diretas e fechadas, que refletem a observação do que os pais falaram sobre suas percepções e vivências passadas e presentes. O quadro é composto de duas partes: 1- percepções de si mesmo e de seu pai no que se refere à presença, afetividade, ajuda ou participação efetiva; 2- vivência: se está reconstruindo a maneira de ser e se comportar como pai, dando continuidade ao que seu próprio pai foi ou dando continuidade com aperfeiçoamentos.

O quadro mostra três situações:

- a) Reconstrução: dos 28 pais entrevistados, 15, ou seja, mais da metade, demonstraram estar reconstruindo a maneira de ser pai, tentando se adaptar às mudanças sociais e conjugais: 8 estavam construindo seus próprios modelos porque seus pais tendiam para a paternidade tradicional e atuavam principalmente como provedores, e 7 não tiveram a oportunidade de conviver com seus pais. Estes últimos, todos de escolas públicas, afirmaram que os pais eram separados ou que o pai havia falecido quando eram ainda muito pequenos.
- b) Continuidade: 7 afirmaram que procuravam reproduzir o modelo vivenciado na infância, dos quais 4 se orgulhavam dos pais que foram presentes, afetivos e participativos, e 2 que tiveram pais presentes e afetivos, mas que apenas ajudavam suas mães. Foi possível constatar, através da fala desses pais, que havia orgulho do pai que tiveram, contudo a continuidade na maneira de ser mostra dois posicionamentos diferentes entre si: os que já tinham

pais participativos e os que se acomodaram num papel de ajudante das mães.

- c) Continuidade com aperfeiçoamento: 6 ficaram numa posição intermediária, esforçando-se em dar continuidade ao modelo, porém com aperfeiçoamentos, variando entre uma maior afetividade, mais presença, mais cuidado ou mais igualdade.

Quadro 1 – Comparação intergeracional de paternidades

Pais Entrevistados	Percepções		Vivências		
	De si mesmo	De seu pai	Reconstrução	Continuidade com aperfeiçoamento	Continuidade
C7 C10 C8 PF10 PF3 C4 C6	Presente, afetivo e participativo	Não teve pai	Criando a sua própria maneira de ser pai		
P8 R22 PF6 PF11 PF4 PF5 C9 P6	Presente, afetivo e participativo	Provedor	Criando uma nova maneira de ser pai		
P1 P7 R1 R20 C5 PF9	Presente, afetivo e participativo	Presente, afetivo e ajudava		Repetindo o comportamento do pai, incluindo o cuidado	
C3 PF1 PF8 C2	Presente, afetivo e participativo	Presente, afetivo e participativo			Orgulho do pai, quer repetir o comportamento
R21 PF7 C1	Presente, afetivo, ajuda	Presente, afetivo, ajuda			Sem alterações

Fonte: Pesquisa de campo da autora, realizada em mar./abr. 2016.

Esses achados coincidem com os resultados das pesquisas da área de Psicologia sobre comparações intergeracionais de paternidade, que constataram: “os pais da nossa amostra parecem sido tocados e expostos, ou construído novos entendimentos, sobre o papel de pai” (BALANCHO, 2004, p. 384). Em outro estudo, os entrevistados, mesmo percebendo as boas intenções e o esforço, conseguiram visualizar o que os seus pais deixaram de fazer e “este aspecto remete o homem às suas mágoas em relação ao próprio pai, mas oferece, sobretudo, a possibilidade de fazer diferente com seu próprio filho” (GABRIEL; DIAS, 2011, p. 259).

O que foi importante descobrir é que, de maneira geral, a percepção que os pais têm de si mesmos ou o modo como gostariam de se perceber e se comportar vai ao encontro da destradicionalização da paternidade, ou seja, eles procuram estar presentes, atuando com afetividade, sendo participativos e igualitários, mesmo que algumas vezes as práticas não coincidam com as intenções.

O processo de destradicionalização e de mudança intergeracional apareceu não como um processo contínuo, uma passagem direta para uma paternidade contemporânea e equitativa. Assim, não houve um rompimento numa concepção binária: eram tradicionais e passaram a ser contemporâneos e equitativos.

Nesse processo de mudança intergeracional, chamou a atenção que um quarto dos pais entrevistados, todos com filhos em escolas públicas, afirmaram não ter convivido com seus pais e estar construindo a sua própria maneira de ser pai. Essa situação coincide com a de um dos mais famosos blogueiros e escritores sobre paternidade, Marcos Piangers, que publicou o vídeo *Pais presentes são heróis. Mães solteiras são guerreiras. Obrigado por existirem.*<sup>1</sup>, no qual diz não saber o que é ter pai, mas saber o que é ser pai.

### Transformações na família nuclear biparental

Até os anos 1970, a Sociologia tratava o tema família vinculado ao casamento, “como se família e casamento fossem realidades empíricas inseparáveis, e remetessem para conceitos operatórios difíceis de se dissociar no plano da matriz teórica disciplinar” (TORRES, 2001, p. 6).

Ao longo da história, ocorreram transformações nas relações conjugais, que Torres (2004a) analisou, destacando que cada mudança se associa a uma perspectiva diferenciada de relação entre os sexos. De um ponto de vista institucionalizado do casamento, que deixa em segundo plano o amor, há uma passagem pelo casamento romântico, que coloca o sentimento amoroso como pretexto legítimo da união do casal e, nos anos mais recentes, “a transformação deste modelo de amor-romântico para um modelo de amor-confluyente ou, segundo a proposta que temos elaborado, de amor-construção [...]” (TORRES, 2004, p. 37).

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/marcospiangers/videos/vb.119093941507263/935736819842967/?type=2&theater>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

Singly (2000) também aborda as mudanças da família, separando a família moderna em dois períodos: família moderna 1 – do início do século XX até os anos 60, regulada pelo amor, no qual os adultos estão a serviço do grupo, com os homens garantindo a sobrevivência através do trabalho produtivo, e as mulheres, no ambiente doméstico, assegurando a felicidade de cada um da “família feliz”; família moderna 2 – quando a individualização se impõe e se reflete na permanência do grupo familiar, tornando-o forte e frágil: “frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração da sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas, desde que não seja percebida como sufocante” (SINGLY, 2000). O autor denomina esta última de “relacional individualista” e destaca que é na tensão entre a necessidade de se relacionar na vida privada e de se individualizar que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas.

Nesse sentido, os dois autores convergem em suas análises. Nas famílias contemporâneas, a construção da identidade e a possibilidade de se desenvolver como indivíduo autônomo caminham paralelas às relações afetivas e de formação de vínculos familiares.

Isso ficou bastante claro nas entrevistas com os pais de crianças com vaga em escolas públicas de período integral. A possibilidade de contar com um local que fornece atendimento de qualidade a seus filhos, num período de mais de oito horas diárias, permitiu que pai e mãe fossem ao mercado de trabalho. Ambos trabalhando com salários equivalentes garantiram que a renda familiar dobrasse, em relação a uma situação em que apenas o homem fosse o provedor. Essa equivalência do trabalho pago e as vantagens para o bem-estar familiar parecem oportunizar uma percepção mais equitativa das dificuldades da conciliação trabalho-família, vivenciada por ambos. Nas palavras de um entrevistado que tem renda igual à cônjuge: PF8: “Mulher não foi feita para ficar limpando casa e, se o homem ajuda a sujar, por que não pode limpar?”.

A valorização da parceria, nas decisões cotidianas e no planejamento de vida em comum, e a valorização da carreira do cônjuge coincidiam, na grande maioria dos casos, com uma prática de participação no trabalho de cuidado dos filhos, quando se compara o discurso com o quadro de divisão de tarefas preenchido pelo entrevistado.

C7, por sua vez, relata:



– Projeto de um ano, vamos supor, esse ano vamos fazer isso, por exemplo: arrumar a casa, comprar móveis novos. Vai fazendo projetos. Ela e eu somos assim, tipo um ajuda o outro. Na conta de luz, água, telefone, coisas assim, nós sempre dividimos. Pra não ficar pesado para um só, para não ficar pesado para o outro. Então, assim, nós organiza assim. Eu acho que a maioria do pessoal é assim. Tem uns que não pensam assim igual, né? Mas tem quem pensa.

PF1 se coloca da seguinte forma:

– Eu acho uma covardia a mulher trabalhar a semana inteira e daí chegar fim de semana se matar em casa, e o marido no sofá, ou não sei onde. Eu sempre ajudei muito ela, e a gente se dá muito bem, por causa disso daí (também desempregado). Não tenho vergonha, não. Tem um vizinho meu lá, que volta e meia chega no portão de casa e bate palma. Daí eu saio lá com um avental amarrado, daí ele fala: oh, cara, não tem vergonha aí? Que vergonha, que nada! E se eu não fizer, a mulher me bate! (risada). Mas é isso aí!

P8 (casal de médicos que optaram por trabalhar meio período cada um):

– Eu vejo assim, eu tenho amigos que trabalham, trabalham, aquela questão: eu tenho que trabalhar porque tenho que ganhar dinheiro. E a gente percebe diferente. A nossa opção era de estar com elas, porque daqui a pouco vai passar, vai passar essa fase, então nós não queríamos chegar mais para frente e ter algum arrependimento. Puxa! Podia ter passado mais tempo com elas. Por que trabalhei tanto? E no final não fez diferença.

Licença Paternidade e as transformações na participação

O fato de a pesquisa de campo ter coincidido com a promulgação da lei sobre a licença-paternidade permitiu que esse tema fosse incluído e debatido com os entrevistados. Para os pais participantes desta pesquisa, a licença é importante, sobretudo no sentido da parceria parental, com a compreensão das dificuldades por que passam as mães logo após o parto. As dúvidas com relação ao apoio da proposta governamental surgiram somente de pais de escolas privadas – dois empresários e um profissional liberal –, que, embora considerem importante a sua presença e participação junto à mãe e ao filho no pós-parto, não reconhecem essa mesma necessidade para seus empregados e outros pais, demonstrando interesses antagônicos de classes. Por ser opcional, isto é, somente para funcionários de empresas que optaram pelo Programa Empresa Cidadã, a licença-paternidade de 20 dias é ainda muito pouco acessível para trabalhadores da iniciativa privada, já que,

conforme dados da Receita Federal<sup>2</sup>, a adesão ao programa é muito pequena. Já os funcionários públicos federais conquistaram o direito a 30 dias de licença, e alguns estados ou municípios também modificaram sua legislação.

Muito poucos sabiam alguma coisa a respeito da possibilidade de a licença-paternidade ser aumentada de 5 para 20 dias. Nos casos de desconhecimento, foi explicado em grandes linhas do que se tratava e solicitado que os pais dessem a sua opinião.

C9 se expressou da seguinte forma:

– Eu fiquei 5 dias. E agora pode ser 20 dias? É, então melhorou bastante, né? Porque no começo, ali, tudo é novo, né? Daí você fica meio [...] daí o primeiro dia que você volta a trabalhar, Deus o livre, né? Você fica pensando, não vê a hora de voltar. Mas, se aumentar para 20 dias, é bem melhor, né? Porque nascimento de um filho é uma coisa inexplicável, você quer ficar perto para ajudar, mesmo que você não saiba nada, mas você está ali para ajudar, para dar um apoio. Até porque nos primeiros dias você fica ali, é um negócio novo, você fica meio bobo, né? É bom, se melhorou para 20 dias, está ótimo, né? Eu nem sabia que podia aumentar.

Essa última frase é bastante emblemática, já que remete à dedução de que a ausência de luta por direitos pode ser causada pelo fato de o indivíduo nem sequer saber que pode ter direitos.

PF3 não ousou solicitar a licença de cinco dias:

– Quando eu entrei numa empresa, eu entrei no dia 16 e o meu filho nasceu no dia 20. Eu fiquei com medo de ser mandado embora. Daí eu nem comentei com ele que minha mulher estava grávida e estava próximo do nenê nascer. Quando eu fui mandado embora que eu comentei. Aí ele disse que isso não tem nada a ver, que eu tinha que ter pedido. Mas eu fiquei com medo, imagine com quatro dias já pegar licença-paternidade.

Alguns utilizaram as férias para estar presentes e ajudar. PF10 contou:

– Ah, é importante. Até no dia que meu filho nasceu, eu peguei férias. Daí nem cheguei a tirar a paternidade. Até não tinha sido previsto, mas bem no dia que ele nasceu foi o dia que eu tinha terminado de assinar as minhas férias. Aí eu peguei férias e fiquei um mês com ela e com ele em casa, para ajudar ela.

Os empresários também seguiram nessa linha. R1 assim se pronunciou:

---

<sup>2</sup> Conforme os dados disponibilizados pela Receita Federal, em todo o Brasil somente 19.641 empresas fizeram a opção pelo Programa Empresa Cidadã. Disponível em: <<http://idg.receita.fazenda.gov.br/orientacao/tributaria/isencoes/programa-empresa-cidada>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

– Engraçado, né? Porque você tem duas visões, né? A visão como empresário e a visão como pai. Eu como pai te falo que eu acho que o pai poderia ficar muito mais tempo que os cinco dias que ele tem direito, até para ajudar um pouco a mãe, e até marinheiro de primeira viagem ali [...]. Mas eu como empregador já vejo que quem sabe um período muito longo, numa empresa pequena como a minha, me desfalca, entendeu? Mas, de coração, eu queria poder te falar: não, eu quero que fique. Eu acho superimportante! Agora, como empregador, eu vejo um lado complicado. Porque numa empresa que vai desfalcar cada vez que nasce um filho, entendeu, complica! Fica um pouco complicado. Mas eu, como pai, eu acho que é o mínimo que um pai poderia passar ali é isso.

Esse tema, que envolve o trabalho e a família, o indivíduo e a empresa, o lado humano e o lado financeiro, se mostra nos discursos com posicionamentos divergentes, revelando interesses de classe antagônicos. O posicionamento do entrevistado pode se modificar, dependendo do papel que representa: como pai, entende, concorda e defende a ideia de envolvimento e participação no cuidado do filho, mas, no papel de empresário, o posicionamento pode mudar, despontando inclusive a recusa de praticar a alteridade. Como empresário, a prioridade passa a ser a diminuição dos custos e a busca do lucro. Nesse sentido, os estudos sobre qualidade de vida no trabalho e conflito trabalho-família tornam-se importantes, pois talvez seja esse o caminho para romper com os conceitos organizacionais capitalistas arraigados, que veem o trabalhador como um recurso, chamando-o de recursos humanos, igualando-o aos demais recursos de uma empresa, em vez de percebê-lo como um indivíduo que pode responder com mais produtividade quando reconhecidas suas necessidades funcionais, emocionais e familiares.

#### Modelos/Perfis de Paternidades vivenciados na Conjugalidade

Essa correlação observada no funcionamento conjugal e na divisão do trabalho de cuidado, sobressaindo às hipóteses levantadas no projeto da tese, trouxe um novo desafio, principalmente porque o número de entrevistas não parecia ser suficiente para confirmar uma hipótese que eu ainda não tinha detectado na literatura. Esse desafio tornou-se mais viável quando conheci o trabalho de pesquisadoras portuguesas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que desenvolveram uma grande investigação sobre “a vida familiar no masculino”. Através delas também tive acesso a outro trabalho, realizado em Lausanne – Suíça, pela *École d’Études Sociales et Pédagogique (EESP)*, sobre

paternidade, responsabilidades cotidianas e modelos de paternidade. As duas pesquisas tratam da paternidade associada à conjugalidade e à conciliação trabalho-família, procurando estabelecer perfis/modelos de paternidades, no intuito de melhor compreender a diversidade das práticas cotidianas de ser pai na contemporaneidade.

Foi nessa mesma perspectiva que, analisando os discursos dos pais entrevistados, fiz uma adaptação desses perfis/modelos para o que encontrei em Curitiba, no início de 2016, e que está resumido no Quadro 2.

Cabe ressaltar que utilizo perfis/modelos buscando entender melhor a realidade social. Agrupo os indivíduos conforme a interpretação de seus discursos, sem uma preocupação de sentido valorativo, ou seja, sem qualificá-los como melhores ou piores pais.

Quadro 7 – Modelos de paternidade (continua)

Funcionamento	Tipos de Paternidade					Paternidade desestabilizada e marcada por circunstâncias externas	
	De apoio	Conjunta		Associativa	Apropriativa	Mãe desempregada	Pai desempregado
		Pais com salários maiores	Salários iguais				
Valores	Busca ser igualitário, mas conserva papéis de gênero	União e cooperação conjugal, igualdade subordinada ao bem-estar da família	União e cooperação conjugal, igualdade subordinada ao bem-estar da família	Realização profissional e familiar do casal, autonomia e gestão familiar conjunta	Realização profissional e familiar, igualdade de gênero e trabalho, gestão familiar masculina	Adaptação para manutenção do vínculo familiar	Adaptação para manutenção do vínculo familiar
Papéis separados	Pai principal provedor e mãe principal cuidadora					Pai provedor e ajuda no cuidado e tarefas domésticas	Mãe provedora e ajuda no cuidado e tarefas domésticas
Papéis conjuntos		Possibilidade de compartilhar papéis e gestão conjunta em prol da família	Possibilidade de compartilhar papéis e gestão conjunta em prol da família	Papéis compartilhados e gestão conjunta	Papéis compartilhados, gestão masculina, garantindo a hierarquia de gênero		Papéis compartilhados e gestão conjunta (com exceção de um pai, que apenas ajuda)
Divisão do trabalho pago	Mãe trabalha para ajudar pai provedor	Pai e mãe provedores, valorização da carreira de ambos em prol da família	Pai e mãe provedores, valorização da carreira de ambos, sobretudo pela igualdade de participação na renda familiar	Pai e mãe provedores, valorização da carreira de ambos	Pai e mãe provedores, valorização da carreira de ambos	Pai provedor, mãe desempregada, ou saiu por ter um filho no ensino fundamental não integral	Pai desempregado, mãe provedora

Quadro 7 – Modelos de paternidade (conclusão)

Divisão do trabalho de cuidado	Pai ajuda no cuidado dos filhos	Participa do cuidado, mas a gestão é da mãe	Participa do cuidado, como contrapartida da igualdade na renda	Divisão do cuidado e da gestão	Pai participa do cuidado e é responsável pela gestão	Pai ajuda no cuidado dos filhos	Pai assume o cuidado dos filhos, com ajuda da mãe
Divisão do trabalho doméstico	Ajuda em algumas tarefas domésticas	Pai participa das tarefas domésticas, mas a gestão é da mãe	Pai participa das tarefas domésticas, mas a gestão é da mãe	Divisão das tarefas domésticas e da gestão	Pai participa das tarefas domésticas, e a gestão é compartilhada	Pai ajuda nas tarefas domésticas	Mãe ajuda ou divide as tarefas domésticas
Apoio externo: família; empregadas domésticas; escola em período integral	Podem contar com uma das opções, mas é a mãe a principal responsável pelo cuidado e tarefas domésticas	Podem contar com uma das opções, porém a centralidade está no casal e no bem-estar da família	Relevância no apoio da escola pública em período integral	Precisam de delegação para dar conta da conciliação trabalho-família	Podem contar com uma dessas opções, mas cabe ao homem ser o principal responsável pelo cuidado	Contam com pouco apoio externo	Contam com pouco apoio externo
Pais	C5, R21	C7, C4, C8, R20	PF6, PF8, PF9, PF10, PF11	P1, P7, P8	R22, R1	C9, C10, C6, C3, C2, PF7, PF4	C1, PF3, PF1, PF5, P6

Fonte: Pesquisa de campo da autora, realizada em mar./abr. 2016.

É preciso esclarecer que nenhum dos entrevistados se enquadraria inteiramente nas descrições estabelecidas para cada modelo, mas eles apresentaram, no momento da entrevista, atributos que se identificavam mais com um do que com os demais. É um retrato do momento que estavam vivendo. Assim, é importante levar em conta que as circunstâncias da vida de cada indivíduo são dinâmicas e sujeitas a alterações significativas, ocasionando muitas vezes mudanças de perfis/modelos.

Tendo em vista os relatos dos entrevistados e as experiências que viveram e estavam vivendo naquele momento, foram escolhidos quatro modelos, um deles subdividido em dois. Esses modelos tiveram por base a literatura citada, que foi trabalhada e adaptada.

A situação de desemprego apareceu na pesquisa como um fato marcante nos arranjos conjugais para a sustentabilidade da vida humana e a conciliação trabalho-família. Diante do desemprego de um dos cônjuges, cujas consequências desestabilizaram as dinâmicas e rotinas vivenciadas pelo casal, adaptações tiveram que ser efetuadas, tanto nas relações familiares como na divisão de responsabilidades e tarefas. Essas adaptações impuseram modificações que afetaram diretamente os modelos de paternidade inseridos até aquele momento. Por esse motivo e principalmente por ter ocorrido com quase a metade dos entrevistados (12 de um total de 28), mesmo não se caracterizando como um modelo, receberam um destaque: os pais e mães nessa circunstância foram inseridos no quadro, na situação de “paternidade desestabilizada e marcada por circunstâncias externas – mãe desempregada – pai desempregado”.

Vale lembrar que, como a pesquisa procurou pais participativos, em união heterossexual estável, não foi encontrado nenhum pai que seguisse o modelo tradicional de pai provedor, ausente e autoritário, assim como pais com a guarda dos filhos ou guarda compartilhada, pais de fim de semana, etc. Enfim, os perfis de paternidade dizem respeito a uma situação específica, vinculada à maneira de viver como casal e aos arranjos para compatibilizar o trabalho e a família.

## Paternidade de Apoio

O perfil/modelo com as características levantadas por Wall, Aboim e Marinho (2010) corresponde a uma situação em que os pais estão num processo inicial de mudança, com intenção de serem mais igualitários, porém ainda conservam o padrão normativo dos papéis. A mãe trabalha para ajudar nas despesas da casa e o pai ajuda no cuidado e nas tarefas domésticas. Na esfera privada, o ambiente doméstico é o espaço da mulher, e a responsabilidade pelo trabalho nesse ambiente é dela. Os conflitos na divisão do trabalho são amenizados pelo apoio externo – avós, diaristas, empregadas, ou ainda pela escola pública em período integral. Mesmo assim, cabe à mulher a conciliação e a gestão de como serão organizados os horários, os dias da semana, quem faz o quê, de que forma e quando.

R21 conta muito com as avós, que se revezam no cuidado da filha, de segunda a quinta-feira pela manhã. Sexta-feira a esposa fica com a menina. À tarde, esta vai para a escola particular. A arrumação e limpeza da casa ficam a cargo de uma diarista, que vai três vezes por semana, e as refeições são feitas fora ou na casa das avós na hora do almoço, nos dias de semana. No final de semana, participa do cuidado da filha. Não sentem necessidade de arrumar a casa, e as refeições são feitas em restaurantes. Comentando sobre sua rotina, R21 assim se expressou:

– Na parte da noite, quando eu chego em casa cedo – cedo para mim é entre sete e sete e meia –, então elas já estão em casa há um bom tempo. Se a minha filha não está dormindo, o que geralmente acontece, eu fico brincando até onze horas, que é a hora dela deitar, isso diariamente. Quando eu não volto cedo para casa, na hora que eu chego em casa ela está dormindo. Eu sinto falta de frequentar mais o ambiente escolar mesmo. Ir buscar ela, conversar com a professora. Eu vejo que alguns pais têm isso, uma certa intimidade com a professora.

Explicou que não pega com mais frequência a filha na escola porque, como advogado, não pode modificar os compromissos com as audiências, que não têm hora para começar ou acabar, e que aquele dia do preenchimento do questionário tinha justamente sido uma exceção. Procura compensar as ausências estando mais próximo nos finais de semana, nas festinhas e eventos escolares.



## Paternidade Conjunta

Na paternidade conjunta, o foco central é a família e o seu bem-estar. Há um esforço conjunto de conciliação trabalho-família para o funcionamento doméstico, através da cooperação, configurando uma coparentalidade. Esses pais se reconhecem como precursores de uma maneira mais igualitária de exercer a paternidade e valorizam o vínculo que construíram com seus filhos, através da presença constante e do envolvimento na responsabilidade em atender suas necessidades diárias. Por outro lado, “o papel paterno está mais sujeito a contradições entre ideais e possibilidades de ação, pois a principal responsabilidade pelos recursos econômicos nem sempre é conciliável com a prática de uma paternidade próxima e relacional.” (MARINHO, 2011, p. 146). A presença e proximidade são mais importantes do que as tarefas propriamente ditas. Desse modo, quando a vida profissional exige mais do pai, a responsabilidade passa automaticamente para a mãe. A valorização da carreira de ambos é visível, porém a mãe normalmente recebe salários menores e encarrega-se da gestão familiar, já que na dúvida cabe a ela assumir a responsabilidade.

## Paternidade Conjunta com Salários Maiores dos Pais

R20 participa em todas as atividades de cuidado, mas segue sempre a orientação da esposa na definição de como fazer:

– Na verdade, é quando eu tenho dúvidas ou quando é a preguiça minha de não querer fazer, entender como funciona, mas, quando ela me pede certas coisas que eu não faço, é porque eu não sei qual a melhor forma de fazer aquilo. Questão de conhecimento mesmo, por mais simples que seja, cortar fruta, por exemplo, eu não tenho o hábito [...] mamão eu saberia para mim, mas para ele eu não sei se tem alguma [...] que é um troço ridículo, né? Não deveria ser diferente, deveria ser igual (risada). A questão é eu ver uma vez ela fazendo e aí eu copio e faço, mas daí do meu jeito, mais prático, né?

Ele se dá conta de ter usado um exemplo que o afastaria da igualdade e se corrige. No final da frase, com um toque sutil, se coloca numa posição de superioridade, evocando a praticidade no ato de efetuar uma tarefa.

C7 considera importante um ajudar o outro e dividir as despesas, pois assim conseguem conquistar seus objetivos. Ele fica com as crianças à noite enquanto a mulher estuda, mas em dado momento fala: “Se eu não lavar, acabar esquecendo, ela lava. Tem uma coisinha ou outra que eu acabo esquecendo e ela vai lá e faz, mas não tem briga, não”. Pelo discurso pode-se entender que ele faz, mas depois ela vai conferir e complementar o que faltou fazer.

### Paternidade Conjunta com Salários Iguais

Na minha pesquisa de campo, conversando com os pais e posteriormente analisando as informações coletadas, deparei-me com situações não previstas nos estudos realizados na Europa e citados anteriormente. Esses casos são ligados aos pais de filhos que frequentavam os Centros Municipais de Educação Infantil, de qualidade e em período integral, que tinham renda igual à de suas parceiras e dividiam o cuidado e o trabalho doméstico. Nesse cenário, a família delega à escola pública o cuidado no sentido da sustentabilidade da vida humana – presença, estímulo ao desenvolvimento, parte da necessidade com a higiene e a maior parte da alimentação diária. Isso permite que os dois membros do casal possam se dedicar à vida profissional, com a segurança de que seus filhos estão sendo bem atendidos. Com a conciliação trabalho-família parcialmente resolvida, conseguem dobrar a renda familiar. Esse fato repercute na relação, pois permite à família realizar o dobro dos projetos comuns, comparando-se à situação de apenas um estar no mercado de trabalho. Outro achado interessante foi um certo posicionamento afirmativo da mulher, em certas circunstâncias, percebido com clareza no discurso de alguns entrevistados e, em outros, de forma mais sutil. Também é importante destacar que esse contexto, envolvendo os entrevistados, foi encontrado apenas na escola pública e em um CMEI. Na escola privada, os entrevistados com renda igual se enquadravam na paternidade associativa, já que a equivalência salarial estava combinada com uma percepção maior de igualdade de gênero e informações sobre a divisão mais equitativa do trabalho, que nos casais das escolas públicas não ficam tão claras. Não foi possível estabelecer a causa dessa constatação, ou seja, encontrar o caso apenas em uma escola e na outra

não, porém vale lembrar que essa unidade se localiza num bairro mais isolado e novo de Curitiba, com muitos conjuntos habitacionais populares. Por ficar na Administração Regional Bairro Novo, mais especificamente num local que teve seu auge de desenvolvimento neste século, seria possível dizer que esse grupo faz parte do que Neri (2011) chama de a nova classe média. A escola foi inaugurada em 2008, e os moradores vieram para a região também nessa época. São espaços, comunidades e famílias em construção. Esses casais, especificamente, têm ensino fundamental ou médio e renda equivalente a aproximadamente o salário mínimo regional cada cônjuge.

Nota-se que parecem estar também num processo de construção. Os pais ainda falam em “ajudar” nas tarefas domésticas, mas percebem que não teria como ser de outra forma.

PF6 diz: “Não, antigamente não, só depois de casado. [...]. Ela pediu, e também a gente vai se tocando, né? Aí eu falei: então vamos, né? Aí eu ajudo ela. Senão tem briga em casa, daí tem que ajudar”.

Sobre o trabalho da esposa, PF9 afirma: “Olha, no momento ela ‘tem que’, tem que trabalhar, no momento não tem como, né? Luz, telefone, água, conta do dia a dia. Só um não dá, né? As crianças sempre estão pedindo alguma coisa, uma coisa diferente, né? É bom os dois”. Perguntado se mudaria alguma coisa se ele ganhasse bem, respondeu:

– Ah, se eu ganhasse bem, não precisava, não. Eu falei para ela que, se eu ganhasse bem, ela não precisava, podia ficar com as crianças. Questionado se a esposa concordaria, disse: Ah, aí não sei, aí é a parte dela, né? Acho que ela não aceitaria muito, porque ela ia querer ganhar dinheiro. Comprar as coisas que ela gosta, porque mulher já sabe, né? Salão, tudo [...] vaidade, né? Daí eu não sei da parte dela [...].

mulher, que eu lavo, seco, guardo tudo, limpo a pia e deixo tudo

Essa posição de igualdade como provedores está vinculada à possibilidade de ter um emprego formal, que deve respeitar o salário mínimo regional, o que, por imposição legal, iguala o salário de homens e mulheres. A partir do salário mínimo, os ganhos podem ser maiores ou menores, conforme o mercado e as normas e valores culturais vigentes. E o que se percebe é que, de alguma forma, isso induz a uma igualdade prática efetiva, mesmo que não se

expresse numa igualdade de gênero ou divisão sexual equitativa do trabalho doméstico.

#### Paternidade Associativa

O princípio formador da paternidade associativa é a equidade – equidade dos papéis de gênero, da realização profissional e familiar.

Estes são homens altamente qualificados e que estão tão empenhados na vida profissional como as parceiras, o que acontece no quadro de um relacionamento baseado em princípios da igualdade, autonomia e gestão cuidadosa do tempo familiar e individual (WALL; ABOIM; MARINHO, 2010, p. 321).

Dessa forma, os dois membros do casal desenvolvem e valorizam suas carreiras profissionais, ao mesmo tempo que assumem as responsabilidades pelo cuidado e pelo trabalho doméstico. Porém, para dar conta desse desafio e conseguir conciliar as esferas produtiva e reprodutiva com equidade e qualidade de desempenho, esses casais de dupla carreira necessitam de um alto grau de delegação. A presença de empregadas domésticas, avós e escolas de educação infantil de qualidade são essenciais durante a semana. Assim, as questões ligadas à equidade de gênero, da sociedade como um todo, podem permanecer inalteradas, pois outras mulheres se responsabilizarão pelo cuidado: as avós e as empregadas domésticas.

Esse modelo é compatível com três dos oito pais de escolas particulares entrevistados:

P8 é médico, casado com uma médica e ambos foram fazer residência em São Paulo em momentos alternados, antes de terem os filhos. Por opção, decidiram organizar os horários de trabalho de forma a poderem revezar a presença junto às crianças. Contam com empregada para todas as tarefas domésticas e usam o tempo em que não estão trabalhando para si próprios e principalmente para as crianças. P8 faz exercícios das 7h30 às 8h30 na academia do prédio onde mora e fica com as filhas até as 13h00, quando vai para o hospital onde trabalha. A esposa trabalha de manhã e fica com as crianças à tarde.

– Trabalhar o dia inteiro, sair de manhã cedo e voltar para casa à noite, e ver só um período e no final de semana os filhos [...] para mim [...] eu não ia ser feliz, né? Então a gente ajeitou pensando nisso. Nós temos amigos, a maioria médicos, que não fazem isso, mas a gente [...] ah [...] não sei se é o nosso viés ou não, né? Que o filho [...] às vezes [...] fica um pouco largado, não sei [...] a gente percebe que o nosso [...] que a nossa ligação com elas é bem forte por conta disso. Pode ser [...] possivelmente, né? [...]. A nossa opção era estar com elas, porque daqui a pouco vai passar, vai passar essa fase, então eu não queria chegar mais pra frente e ter algum arrependimento. Puxa! Podia ter passado mais tempo com elas. Por que trabalhei tanto? E no final das contas não faz diferença. A gente consegue trabalhar menos e ter um rendimento bom, que não falta nada pra gente, então isso, claro, poxa! [...]. A gente [...] se eu trabalhasse meio período e visse que estava faltando dinheiro, aí realmente seria uma dificuldade, teria que repensar o modelo, né? Mas sem dúvida essa nossa profissão permitiu a gente fazer desse jeito.

P1 é empresário com boa flexibilidade de horário no trabalho, o que lhe permite dividir com a esposa, que está fazendo doutorado, as responsabilidades com o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas. Contam com uma diarista, que vai duas vezes por semana. P1 foi o filho mais novo, com duas irmãs mais velhas, e o pai era proprietário de um restaurante com salão de festas.

– A gente vem de uma família que trabalhava muito duro [...] por isso a gente aprendeu. Eu e minhas irmãs, a gente tinha que trabalhar junto, pra ajudar. A gente lavava louça, varria o salão, varria o pátio. Trabalhava igual às minhas irmãs, a gente trabalhava desde cedo com meu pai.

P1 já traz da infância a participação igualitária no trabalho:

– É tudo bem dividido, tanto o banho das crianças, fazer dormir, cada um faz um dormir... um dia um dá banho, no outro dia o outro, dependendo do que está fazendo na hora. Então a gente divide assim: quem está em casa agiliza uma coisa, para quando o outro chegar já estar pronto, assim, né?

P7 é a segunda geração de pai e mãe que trabalham. Conta que eram três filhos homens e que tinham suas tarefas em casa, sobretudo quando os pais viajavam. Tinham que cozinhar e manter a casa limpa e arrumada, por exigência da mãe, que conferia no seu retorno. Ele é professor de música e trabalha em locais diferentes, podendo organizar horários para se adaptar às responsabilidades no cuidado e nas tarefas domésticas. Eles contam com o serviço de uma diarista e com a sogra, que vai no mínimo uma vez por semana para ficar com os netos. A esposa, que estava em licença-maternidade, é

psicóloga e tem um trabalho com horário fixo no período da tarde, quando o filho vai para a escola, e horários variáveis no período da manhã. Sobre a carreira da esposa, diz:

– Eu acho que é fundamental ela ter a carreira dela, o que ela escolher. Para mim isso sempre foi muito claro [...] nunca me passou pela cabeça as mulheres ao meu redor não terem uma carreira. A minha mãe sempre teve a sua profissão, os outros cuidados da vida, da casa e dos filhos sempre foram paralelos à carreira dela.

### Paternidade Apropriativa

Este modelo refere-se a um funcionamento familiar peculiar, que tem uma dinâmica com um quadro normativo moderno, em que há uma valorização da carreira de ambos, e os homens reconhecem que devem dividir as tarefas domésticas, o trabalho e cuidado de forma paritária. O que o diferencia é o fato de os homens considerarem que são os “atores principais da vida familiar e sublinham a necessidade de serem eles a administrá-la e a organizá-la, de alguma forma desvalorizando as suas parceiras, que, a seu ver, precisam de orientação por terem menos competência que eles” (WALL; ABOIM; MARINHO, 2010, p. 323). Sendo assim, nesse modelo, o que prevalece é a vontade e a opinião do pai, que se apropria da definição de como deve ser o trabalho de cuidado. Modak e Palazzo (2002) chamam a atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que esse modelo demonstra ser inédito pela intensidade emocional e prática no cuidado dos filhos, mostra-se clássico no sentido da repartição do poder no casal.

R1, também empresário, trabalha meio expediente para poder ficar com o filho no período da manhã. A participação dele como pai é mais intensa do que a da mãe. Orgulhosamente diz: “Ele tem uma afinidade muito maior comigo do que com a mãe”. Ou ainda:

– Ela é mais fria, sabe? Ela teve uma mãe e um pai. O pai é boa pessoa, mas ela teve uma mãe fria [...] até a semana passada eu estava falando isso para ela, ela é um pouco mais fria, eu sou mais chocadeiro, sabe? Um mês e meio atrás, era só o pai, só o pai. A mãe chegava [...] ele acordava de noite, a mãe ia lá, e ele dizia: não, a mãe não, só papai. Então eu acho que nesse momento ela se chateava. Tipo ele brigava com ela, batia nela. Ela ia trocar ele, fazia alguma

coisa e ele batia nela, só nela. Então, ele parecia que não tinha o respeito que ele tem pelo pai.

Com relação às decisões:

– Eu acho que, no momento que eu optei por ter um filho, é o momento que eu tenho que saber que vou ter três, quatro, cinco anos da minha vida nos quais vou ter que me dedicar ao meu filho. Quando ele tinha cinco meses, a família da minha esposa ia fazer uma viagem, como faz todo ano. Iam para a Califórnia andando de carro e tal, daí eu falei para a “X”: sinto muito, esse ano a gente não vai, porque esse não é o tipo de viagem para levar nosso filho. Eu tenho que saber que, a partir do momento que eu tomei a decisão de ter um filho, eu tenho que saber que eu vou passar um tempo com ele, vou ter que abrir mão de muita coisa.

A participação ativa no cuidado dos filhos e uma presença mais constante, aliada à valorização da carreira da esposa, dão a esses pais um caráter mais igualitário e contemporâneo, porém seus discursos ainda guardam traços tradicionais de hierarquia quanto à competência, que, nesse caso referem-se à competência no cuidar e/ou definir prioridades.

Paternidade Desestabilizada e Marcada por Circunstâncias Externas

Esta situação, colocada em destaque, aparece diante de uma questão conjuntural que, por algum motivo externo às opções e visões de mundo do casal, desestabiliza as dinâmicas e rotinas, marcando a forma de conciliação trabalho-família. Dos 28 entrevistados, 12 estavam nessa situação, ou seja, um dos cônjuges desempregado. Essa mudança na conciliação influi diretamente na vivência cotidiana do trabalho doméstico e, sobretudo, no cuidado dos filhos sem autonomia. O desemprego foi o fator de grande relevância nas escolas públicas, e houve apenas um caso na escola privada. Numa conjuntura de crise no país, os empregos de menor renda parecem ter sido primeiramente afetados. Outro diferencial encontrado diz respeito ao sexo do desempregado: no CMEI Cidadania, foram as mulheres que mais sofreram essa situação, enquanto no CMEI Paulo Freire foram os homens.

É interessante observar como as maneiras de se adaptar a uma realidade inesperada e desfavorável podem ser diferentes entre si, dependendo de quem está desempregado.

## Mãe Desempregada

Partindo de uma situação de casal com duplo emprego, a mulher perde o emprego, e a família tem que se adaptar a essa nova realidade. No caso do desemprego feminino, é muito clara a presença das desigualdades de gênero, tanto nas relações familiares como nas relações sociais, que com mais frequência responsabilizam e impulsionam a mulher ao trabalho de cuidado. São mulheres que perdem o emprego após a licença-maternidade; que param de trabalhar para cuidar dos filhos quando estes entram no ensino fundamental e não conseguem vaga no contraturno; ou ainda quando, após a licença-maternidade, só podem voltar a trabalhar depois de conseguirem uma vaga na pré-escola pública integral.

A família de C10 enfrenta uma situação comum para muitas outras, em que um membro do casal foi obrigado a parar de trabalhar para cuidar da filha, que, ao entrar no ensino fundamental, passou a estudar só meio período. A necessidade de buscar ou levar no meio do dia e ficar com a criança no tempo em que ela não está na escola encaminha muitas mães para o desemprego, o que diminui a renda familiar e a autonomia da mulher, que normalmente é a que assume essa responsabilidade. Sobre a volta de sua esposa ao mercado de trabalho, relata:

– Ah, sim, é sempre bom, né? Sempre bom, na renda [...]. Porque às vezes, é assim [...] eu consigo sustentar a casa sozinho, só que às vezes é [...] não consigo comprar as coisas que as crianças querem, quando elas querem. Tipo: ah, pai, eu vi um brinquedo lá, me compre uma *monster high*. Daí eu tenho que me organizar uns dois meses para depois comprar a boneca dela. Aí, se minha esposa estivesse trabalhando, ela podia tirar do salário dela, só para comprar essas tranqueiras assim.

Com uma filha de nove meses que já tinha conseguido a vaga no CMEI, a esposa de C3 estava em busca de um novo emprego, pois o que tinha perdeu quando voltou da licença-maternidade. O casal está confiante por ter conseguido a vaga no berçário do CMEI:

– Muito bom, muito bom, porque ajuda a minha esposa. Ela pegando um novo emprego ajuda a complementar a nossa renda. Porque o país do jeito que está hoje [...] eu não ganho mal, mas! Você vai no mercado, o que você fazia uma ano e meio atrás, não vamos muito



longe, você não consegue fazer metade hoje. Entendeu? Então aumentou tudo. A gente já não conseguia fazer muita coisa por causa dos planos que a gente tinha. Até eu mesmo construí a nossa casa, comprando material, pagando as prestações do material, então a gente já não fazia muita coisa, então hoje menos ainda. Então pagar uma creche hoje está bem difícil, bem difícil. Então essa vaga foi muito bom, muito bom mesmo.

## Pai Desempregado

A situação de desemprego masculino pode ser vivenciada de maneiras distintas no cotidiano das famílias com filhos menores. Alguns pais assumem as responsabilidades pelo trabalho doméstico e de cuidado, redefinindo os estereótipos de gênero e os papéis tradicionalmente atribuídos aos pais e às mães. Outros passam a participar mais, mas a mulher ainda é a gestora dos assuntos familiares, e outros ainda se negam a fazer modificações significativas na divisão sexual do trabalho, permanecendo nos papéis conservadores, mesmo que estejam temporariamente sem poder assumir o papel de provedor. Os pais participantes da pesquisa estavam entre as duas primeiras opções, em direção à mudança dos padrões rígidos de papéis de gênero.

Pedreiro autônomo, PF1 estava desempregado fazia um mês. Falando sobre sua rotina diária:

– Ah, a gente faz junto, eu ajudo muito ela, e agora que eu estou parado ultimamente, quem mais faz sou eu, né? Ela chega, eu já estou com a janta pronta, aí acaba de jantar, lavo a louça e é assim. Limpar banheiro, você faz também? Orra, é o que eu mais faço (risada), cozinhar, se tiver que sair para comprar alguma coisa [...] só não lavo roupa. Alimentar os filhos? Aí, já é comigo também. Alimentar o filho, higiene é mais eu, porque estou desempregado, fico mais em casa.

PF3 está desempregado há dois meses, e a esposa é empregada doméstica registrada. Tem um filho de 4 anos que frequenta o CMEI e uma filha de 12 anos que o ajuda em algumas tarefas na sua rotina diária: “Faço comida, dou banho no piá, ponho a roupa na máquina – fico mais em casa, então ponho a roupa para lavar. A limpeza é por conta da mulher. Cada um que usa, limpa o banheiro. Lavar a louça é a menina e ela. Compras diárias é mais eu”. Com relação ao cuidado, o acompanhamento escolar e a saúde permanecem como incumbência da esposa.

C2, técnico em segurança do trabalho, desempregado há mais tempo, foi o único que demonstrou acomodação, sem alterações devido ao desemprego. Diz que está pensando em abrir um negócio, mas que a esposa não concorda muito. Sobre a divisão de tarefas, percebe-se que apenas na louça tem uma participação efetiva. Nas demais tarefas, em algumas ajuda, em outras é sempre a cônjuge.

Já PF5 experimentou uma transformação significativa em sua vida. Há seis meses passou de gerente de uma loja, trabalhando mais de dez horas por dia, para o desemprego. Enquanto trabalhava, participava muito pouco das questões familiares. “Teve um tempo que eu só trabalhava e ela fazia as coisas da casa. Mas aí eu era muito ausente, era difícil. Mas agora a gente está conseguindo levar bem. Até pelos horários que eu estou trabalhando”. Faz alguns trabalhos esporádicos e informais. Sobre as consequências das mudanças que ocorreram, afirma: “A gente sobrevive bem, é óbvio que o salário caiu pela metade, mas a gente convive melhor até. Não tem aquela coisa de nunca estar em casa. Agora a gente está convivendo melhor”. Numa condição rara, pode contar com a vaga no CMEI para o pequeno e o contraturno para a filha de nove anos. O casal dispõe de tempo livre para que os dois trabalhem. Sobre a carreira da esposa: “É muito importante, não tanto pelo dinheiro, mas ela é muito mais feliz trabalhando. Porque teve um período que não precisaria, mas é importante para ela. Aí agora é essencial, porque, se ela não trabalhar [...] sem o salário dela, não dá. E é assim a vida”.

Também é considerável a alteração da realidade vivenciada por P6: desempregado, mudou de cidade em função da oportunidade de emprego da companheira. Nas palavras dele:

– Quando a gente morava em São Paulo, eu trabalhava 10, 12, 14 horas, às vezes 16, às vezes 18 horas, às vezes 22 horas num dia, então basicamente eu não fazia mais nada na casa. Eu lavava uma louça de noite, às vezes no final de semana, às vezes trabalhava no final de semana, então eu fazia pouco. A gente mudou para Curitiba [...] e a gente tinha uma moça que ajudava a gente lá em São Paulo [...] mudou para Curitiba e a minha esposa começou a trabalhar, e a gente não tinha ninguém para trabalhar aqui, aí eu fazia tudo (ênfase no tudo), eu varria a casa, lavava a louça, fazia almoço, lavava a roupa, arrumava as coisas (risada), cuidava de criança, né? Então era muito diferente. Agora a gente tem uma guria que está ajudando a gente, então aí essa parte toda de arrumar a casa está com ela. Eu

fico assim meio na cozinha, fazer almoço, preparar a comida e ela me ajuda também. E assim eu consigo arrumar um tempo para trabalhar e fazer os *freelances*, porque senão eu não consigo. Então, quando a gente mudou para cá, acho que eu fiquei uns 3 a 4 meses direto, e eu não conseguia fazer mais nada, né? Se eu pegasse um *freelance*, não dava, porque cuidar de criança, arrumar tudo, não sei o quê, trabalhar, que horas? Então [...]. Agora eu estou conseguindo fazer alguma coisa.

– E como que foi para você essa experiência?

– Primeiro, é muito duro, né? Porque você não tem tempo para nada. Era acordar, preparar o café da manhã, aí eu e a minha esposa preparávamos juntos o café da manhã. Mas aí ela saía e eu ficava com as duas crianças em casa. É [...] assim [...] os dois brigando, um empurrando o outro e tal. A hora que eu conseguia que o menor dormisse, era tipo 10 da manhã já, né? Então eu ia lá e tal, tirava as coisas da mesa, botava as coisas para lá, brincava um pouco com eles, fazia o suco, tomou o suco, botava para dormir e o outro aqui. E agora? Ah, “X” (filho mais velho), quer ver um filminho no Ipad? Tá, vê um filminho no Ipad. Aí ia lavar a louça, ia fazer o almoço, para quando a minha esposa chegasse, meio-dia e pouquinho, ter almoço para dar para as duas crianças, né? E ela poder levar o “X” para a escola. E aí eu passava a tarde com o menor, e aí à tarde já não dorme mais. Então [...] o que é que eu vou fazer? Ah! Vou passear, vou na Praça do Japão levar ele lá. Vamos no supermercado, vamos inventar o que fazer, inventar brincadeira, vamos ler uns livros aqui. Então [...] vamos dizer assim [...] torcendo para ela chegar logo, sete da noite, então [...] quando ela chegava, eu já tinha dado banho no menor e tal, já tinha dado jantar, já estava preparando o jantar para o maior, né? Aí a gente botava o menor na cama, dava banho no maior, botava para ver um filminho aqui, oito e meia botava na cama. Aí a gente conseguia ver um jornal, comer alguma coisa junto, conversar, (risada) e só.

Em outro momento, relembra situações vividas e as compara com o momento atual:

– É, eu já cheguei em casa e vi ela chorando, porque você sabe, lidar com criança é difícil, você fala, fala, fala e não adianta, você quer matar, mas [...] a gente combinou que não quer bater, então o que é que eu faço para não bater? Nossa, às vezes você está mal assim, chega em casa ela está chorando, tá vamos ajudar [...]. Eu reconhecia, falava pra ela: olha [...] e ela se sentia muito triste de não poder ajudar financeiramente, aí eu falava pra ela: o trabalho que você está fazendo em casa é muito mais importante do que o meu, você está educando nossos filhos. Então era muito mais importante do que o que eu fazia. Tá, eu estava ganhando dinheiro para a gente viver, mas eu não conseguia muito ajudar na educação, né, que eu acho que é mais importante. Então [...] hoje ela está superfeliz por estar trabalhando (risada).

Um aspecto importante revelado por esses dois últimos entrevistados foi que ambos demonstraram reconhecer uma certa compensação diante das circunstâncias do desemprego. Após o impacto de perder o emprego, de deixar

de ser o provedor, diminuir significativamente a renda familiar, os dois se referiram a ganhos nas relações familiares, na proximidade e na afetividade.

### Considerações Finais

Em que pesem as persistentes assimetrias de gênero, a continuidade de pesquisas na área pode ajudar na melhor compreensão da dinâmica das mudanças e permanências das desigualdades. A opção de estudar a paternidade através dos homens vivendo a conjugalidade de duplo emprego e duplo cuidar mostrou-se reveladora, pois permitiu perceber o entrelaçamento dos arranjos e interações cotidianas dos casais, com as transformações na maneira de ser pai. É importante constatar também que essas transformações estão em andamento e que se desenvolvem de forma e intensidade diversa, ou seja, são complexas e plurais, e assim podemos dizer que estamos diante de PaternidadeS em transformação.

O processo de destradicionalização e de mudança intergeracional demonstrado por três quartos dos entrevistados, que em algum grau estão alterando a maneira de ser pai, ao mesmo tempo que confirmaram a expectativa de mudança que motivou a pesquisa, não confirmaram as hipóteses iniciais. A primeira hipótese, que sustentava a ideia de que uma experiência anterior seria um ponto em comum entre os pais participativos, foi contestada pelos resultados encontrados sobre as mudanças intergeracionais. Criar a sua própria maneira de ser pai surgiu de maneira enfática, seja pelo fato de um quarto dos entrevistados não terem tido oportunidade de usufruído da presença de um pai, seja por perceberem a necessidade de modificação do sentido de paternidade.

A complementaridade no casal, vivenciando o “amor construção”, onde conseguem dividir e realizar as tarefas de modo complementar, apareceu como uma possibilidade de diminuir conflitos e melhorar a articulação entre as demandas, o que pode resultar numa melhor funcionalidade das relações familiares.

Percebeu-se também que a parceria entre o casal e a necessidade de compartilhar o nascimento de um filho, pode ser tão significativa para alguns

pais entrevistados, que a maneira encontrada foi utilizar o período de férias para se autoconceder uma licença-paternidade, abrindo mão de um direito trabalhista de descanso anual remunerado. Essa poderia ser mais uma sugestão de pesquisa futura: investigar a relação entre férias e nascimento de filho de trabalhadores que estão no mercado de trabalho formalizado.

Os 16 pais entrevistados que estavam numa condição de duplo emprego mostraram ter uma tendência a aumentar sua participação no cuidado e nas tarefas domésticas, alguns mais, outros menos, e a paternidade conjunta foi a mais numerosa. No entanto, para dar conta dessa participação e vivenciar uma partilha equitativa do cuidado e das tarefas domésticas, as famílias entrevistadas necessitavam de algum tipo de apoio externo. Esse apoio podia ser em forma de delegação para as avós, empregadas domésticas e, para as famílias de menor renda, a escola pública de período integral. Por outro lado, as famílias marcadas por circunstâncias externas, pelo desemprego de um dos cônjuges, expuseram questões relevantes de gênero. Cuidar dos filhos era a principal tarefa do cônjuge desempregado: a diferença estava no fato motivador. Enquanto o homem perdeu o emprego por questões conjunturais, as mulheres se sentiram na obrigação de cumprir seu papel social de mãe quando nasceu o filho e não foi possível conseguir vaga na creche integral ou quando o(a) filho(a) mais velho(a) entrou no ensino fundamental não integral e a mãe abandonou o mercado de trabalho, por não ter outra opção de delegação do cuidado. Esse tipo de reforço dos papéis tradicionais de gênero – mulher cuidadora – pode contribuir para uma acomodação frente a mudanças na divisão sexual do trabalho, pois, já que está em casa mesmo, acaba fazendo a maior parte das tarefas. Muitas vezes retrocede em avanços já alcançados. Por outro lado, o desemprego masculino pode ser um impulsionador de mudanças quando a adaptação a essa nova situação traz modificações significativas nos papéis sociais, e a maternidade e a paternidade diluem seus contornos, com uma espécie de troca de papéis.

Somando-se a esses, outro fator apareceu na pesquisa como determinante na construção de uma paternidade participativa: a flexibilidade de horário no trabalho remunerado, gerando oportunidade de uma presença mais efetiva do pai, atendendo às necessidades dos filhos no ambiente doméstico e

na escola, em atividades extracurriculares, em consultas médicas e outros. Ser empresário ou profissional liberal e poder dispor com autonomia do seu tempo, sem precisar se justificar, apareceu como um diferencial importante na presença mais efetiva do cuidado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepção e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BALANCHO, Leonor Segurado Falé. Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica* (2004), 2 (XXII), p. 377-386. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v22n2/v22n2a06.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BATTHYÁNY, Karina; GENTA, Natalia; PERROTTA, Valentina. Las representaciones sociales del cuidado infantil desde una perspectiva de género: principales resultados de la Encuesta Nacional sobre Representaciones Sociales del Cuidado. *Papers* 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5565/rev/papers.686>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BOYER, Danielle; CÉROUX, Benoît. Les limites de politiques de soutien à la paternité, *Travail, genre et sociétés*. 2/2010 (n° 24), p. 47-62.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? In: ARAÚJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; SCALON, Celi. (Org.). *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru: Edusc, 2007.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.). *A produção do viver*. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 2009, 43(1), p. 85-90.

GAMA, Andréa de Souza. *Trabalho, família e gênero: impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2014.

GABRIEL, Marília Reginato; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), set. dez. 2011, p. 253-261. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017

KAUFMAN, Michael. *Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres*, 1995. Disponível em: <[www.michaelkaufman.com](http://www.michaelkaufman.com)>. Acesso em: 10 maio 2017.

LÖWY, Ilana. *L'emprise du genre. Masculinité, féminité, inégalité*. Paris: La Dispute/SNÉDIT, 2006.

MARINHO, Sofia. *Paternidades de hoje: significados, práticas e negociação da parentalidade na conjugalidade e na residência alternada*. Tese de doutorado em Ciências Sociais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2011.

MODAK, Marianne; PALAZZO, Clothilde. *Les pères se mettent en quatre! Responsabilités quotidiennes et modèles de paternité*. Lausanne: EESP, 2002.

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia. *Qu'est-ce que le care? Souci des autres, sensibilité, responsabilité*. Paris: Payot & Rivages, 2009.

NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2011.

SALEM, Tania. *O casal grávido: disposição e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SINGLY, François de. *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Nathan, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, p. 478-491, maio/ago. 2013.

THERBORN, Göran. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TORRES, Anália. *Sociologia do casamento: a família e a questão feminina*. Oeiras: Celta, 2001.

WALL, Karin. Conciliação entre vida profissional e vida familiar em casais com filhos: perspectivas masculinas. In: WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa. *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 2010.